



HALLOWEEN E O DIA DE FINADOS

Evaristo de Miranda

Halloween é uma alteração da expressão inglesa "All Hallows Eve". Significa "a noite de Todos os Santos". "Hallow" é uma forma antiga de "holy", "santo", e "even" deu origem a "evening", "noite". Essa noite antecede o Dia de Todos os Santos e este o de Finados. Por que?

Os finados, os falecidos, sempre estiveram presentes nas celebrações da Igreja e no Memento dos mortos no cânon da missa, desde os primórdios do Cristianismo. Por que então a liturgia cristã interessou-se pelos mortos também fora do memento da missa? Por que a Igreja dedicou um dia exclusivo, em 2 de novembro, à lembrança dos finados?

Os mártires, a perseguição, os encontros e orações em catacumbas, cemitérios e áreas isoladas marcaram o início da vida eclesial de muitos cristãos. Os mais antigos sacramentários romanos atestam o uso de missas pelos defuntos. Não sendo realizadas nos funerais (devido perseguições etc.), as celebrações funerárias aconteciam depois, como co-memoração. A essa prática estão vinculadas diretamente às missas de sétimo e trinta dias.

Paralelamente surgiu o registro dos vivos e mortos a serem lembrados nas missas, como pratica-se ainda hoje em toda a Igreja. Esse costume está bem documentado na época carolíngia (IX-X séculos). Isso tomou o lugar dos antigos dípticos, tabuinhas de

cera onde figuravam os nomes dos doadores de oferendas. Esses registros eram chamados de livros da vida (Libri vitae) e incluíam vivos e mortos. Depois, os mortos foram separados dos vivos nessas listas. Desde o século VII (Irlanda), escreviam-se os nomes dos mortos em rolos que circulavam como informação entre mosteiros e comunidades. Era também uma maneira de comunicar a morte de monges e membros das comunidades, num contexto carente de meios de informação, muito diferente dos dias de hoje.

Dessa tradição surgiram as necrologias (lidas nos ofícios) e obtuários (lembrando serviços fundados ou obras de misericórdia dos defuntos em suas datas). Passou-se claramente das menções globais aos nomes individuais. Os libri memorialis carolíngios continham de 15.000 a 40.000 nomes a serem lembrados! As necrologias clunisianas (Abadia de Cluni na França) mencionavam de 40 a 50 nomes por dia. A lembrança litúrgica estava garantida duravelmente aos mortos nominalmente inscritos. Rapidamente, em toda a Igreja, o tempo da morte individual se impôs, doravante, nos registros mortuários.

Existe uma contribuição e originalidade clunisiana no cuidado devido aos mortos pela Igreja. Ela corresponde aos anseios da comunidade e à visão de uma Igreja Peregrina em comunhão com a Igreja Celeste ou Triunfante (comunhão dos santos). Entretanto, um certo caráter elitista marcava essa união dos vivos com os mortos. Dizia respeito, em geral, aos grupos dirigentes. Por essas razões, a Igreja decidiu estender à totalidade dos mortos, de forma solene, uma vez por ano, essa atenção litúrgica.

No século XI, entre 1024 e 1033, a Abadia de Cluni instituiu a comemoração dos mortos no dia 2 de novembro, em contato com a Festa de Todos os Santos. A Festa dos Mortos será rapidamente celebrada em todo mundo cristão e pagão. Ela surge como um vínculo suplementar entre vivos e mortos na prática da Igreja, destinada a todos. O próprio mundo profano, em geral, também vai aderir a essa prática. Trata-se hoje de um dos feriados mais universais. São mais de 1000 anos de celebração de Finados pela fé na ressurreição. Um dia para lembrar quem nos antecedeu. Não somos filhos do Nada.